

CARVALHO, Alberto Feliz de
[Mimi Aguglia]. N.º esp. [1912], p. 8-10.

CARVALHO, Teixeira de
[Mimi Aguglia]. N.º esp. [1912], p. 3-7.

CASIMIRO, Augusto
Mila di Codra [a Mimi Aguglia]. N.º esp. [1912], p. 13.

LOPES, Artur Ribeiro
[Mimi Aguglia]. N.º esp. [1912], p. 14-16.

SIMÕES, Nuno
[Mimi Aguglia]. N.º esp. [1912], p. 11-12.

A:BOIADA



REVISTA:
DE CRITI=
CA: ARTE:
E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

COIMBRA
1 MARÇO
1912.º N.º 1
SERIE 1.º

PREÇO:
100 RS.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTHERO DO QUENTAL ☼☼☼
PROPRIETARIO E EDITOR: MOITA DE DEUS ☼☼☼ ADM.: ESTEVÃO
D'OLIVEIRA ☼☼ SEC.: MARIO VIEIRA ☼☼ COMPOSTA E IMPRESSA
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL ☼☼ PRAÇA DOS
RESTAURADORES, 27 ☼ LISBOA ☼☼☼☼☼☼☼☼☼☼
LIVRARIA NEVES - DEPOSITARIA - COIMBRA ☼☼☼☼☼☼

SUMARIO DO N.º 1

1.ª SERIE

○○○○ CAPA POR
CORREIA DIAS.

Príncipe—Por <i>Mário Beirão</i>	1
Da arte e do futuro de Antonio Carneiro—Por <i>Manoel de Sousa Pinto</i>	2
A uma romantica—Por <i>Manuel Laranjeira</i>	5
Arte de dominar—Por <i>Joaquim Martins Manso</i>	7
O elogio dos sons—Por <i>Augusto Casimiro</i>	10
Tese sobre o humor—Por <i>Carlos Parreira</i>	12
Excerpto—Por <i>Julio Brandão</i>	17
Coimbra e a tradição—Por <i>Nuno Simões</i>	18
O amor e o mal—Por <i>Jayme Corteção</i>	21
Sgrafitos—Por <i>Vergilio Correia</i>	22
No outono—Por <i>Joaquim de Almeida</i>	25
Vida incerta—Por <i>Artur Ribeiro Lopes</i>	26
Allegoria da tarde—Por <i>Afonso Duarte</i>	29
Vária.....	32

VINHETAS POR
CORREIA DIAS

GRAVURAS DE ○○○
○○○ CHRISTIANO DE
○ CARVALHO E DE ○
MARQUES DE ABREU

○○ VAGO ○○

○○ VAGO ○○

○○ CONDIÇÕES ○○

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus
auctores. É respeitada a ortografia dos colaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á
Administração, a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇO 1.ª Serie (6 numeros):

Portugal e colonias, 600 réis
Brazil, assignatura directa, 2500 réis
Numero avulso, 100 réis

PAGAMENTO
ADEANTADO

ANNUNCIOS

«Sempre illustrados sendo o de-
senho e gravura por conta da
Revista.»

POR NUMERO

1 pagina 6000
1/2 " 3000
1/3 " 2000
1/4 " 1500

Por serie, contrato especial; além
dos espaços vagos os annuncian-
tes podem contar com mais fo-
lhas que serão adicionadas quando
necessarias.

N.º 1

COIMBRA, 1 DE MARÇO

1912



DIRECTOR LITERARIO: *Afonso Duarte*
EDITOR E PROPRIETARIO: *Mario Vieira*
DIRECTOR ARTISTICO: *Correia Dias*

: PRINCIPE :

Os meus avós herdei a graça heroína
De encarar o perigo, frente a frente:
...Bebem sangue os areaes, a lança fina
Ergo-a nas minhas mãos, beduinamente!

Sou pelo Amôr: a graça feminina
E' no meu escudo uma divisa ardente;
Nomade sou, que ao lér a minha sina
As ciganas me chamam seu parente:

Sina de perdição! viver-de-acaso!
... Mas quando o olhar longinquamente arraso,
(Tardes de luz morrente... um sino tange...)

Oh sonho regressivo: a tribu em massa,
De novo acclama o Principe da Raça,
E aos gritos, halalá, recúrvo o alfange!

BAIXO ALEMTEJO. 1907 :

: MARIO BEIRÃO :

DA ARTE E DO FUTURO DE ANTONIO CARNEIRO:



A hora em que começar correndo esta nova revista — para a qual, com amavel insistencia, se me pede que d'elle novamente falle — deve estar encerrada a Exposição de Quadros e Desenhos de Antonio Carneiro, no salão da *Illustração Portuguesa*, a que, com tão animadora affluencia, Lisboa tem concorrido, e de cujo legitimo, lisonjeiro bom exito não permitem duvidar, nem o caloroso dos louvores abundantes, nem o numero de trabalhos vendidos, attingindo, mui significativa e merecidamente, a meia-centena.

O facto de haver nesta terra, proverbial na sua inimidade e indifferença para tudo quanto, de perto ou de longe, se aparentasse com a arte, trinta ou quarenta pessoas — sem contar as que, muito infelizmente, não puderam objectivar o seu desejo — sinceramente empenhadas em levarem para os seus quartos ou para as suas salas alguns documentos suggestionantes da arte suggestionadora do visionario de Leça, do retratista de Junqueiro, Julio Brandão e João de Barros, do sanguinista insigne da *Elvirinha* e da *Menina Maria Mourão*, do carvoista vigorosissimo do seu autorretrato verlainesco, do lapis creador da *Maria da Graça* e do *Padre-Nosso*, é, na verdade, um symptoma consolador de melhoria e progresso por parte do publico, que, emfim,

aqui ou alem, principia a mostrar-se desejoso de vir tambem um dia a alcançar o grau de sensibilidade de certas cultas e ditosas cidades, onde a arte é uma necessidade vital como o amor ou o trabalho, um culto, professado em exposições e museus, com mais proveito e belleza do que as platonicas devoções dos templos ou das synagogas.

Viria tarde para anotar aqui, ainda que muito ligeiramente, como já em duas investidas o tentei com prazer, o catalogo vasto e vario da produçção, desigual, mas reveladora, que Antonio Carneiro trouxe á capital.

Com a maior das consciencias, reconhecendo decerto que os defeitos são, as mais das vezes, os melhores explicadores das qualidades, cuidou Carneiro louvavelmente em se mostrar, como pintor e desenhador, sob todos os seus aspectos. Artista sobremodo e fecundamente variavel, caprichou em patentear-nos toda essa variabilidade: desde as suas marinhas wkistlerianas e recentes de Leça da Palmeira, que é um dos seus modelos mais favoritos, aos retratos da familia, d'alguns amigos e d'alguns artistas, que são das suas mais predilectas paizagens; do oleo, que elle com facilidade torna voluvel, ao *crayon* espesso, que com segura mão converte em luminoso; da pintura decorativa, exemplificada pelos projectos do tecto, já realisado, da Bolsa do Porto, á religiosa, testemunhada pelos es-

: Da arte e do futuro de Antonio Carneiro :

tudos e esboços do *Baptismo* e da *Ceia*; dos seus sonhos emmoldurados, ás suas fugidias realidades a desprenderem-se da tela; mesmo, desde as suas taboas classicamente tratadas, como *A Tia Juliana*, até

inspirou na eleição dos quadros *Nocturno* e *Contemplanção*.

Para bem ou para mal, é força reconhecer que esta sua primeira grande exposição de Lisboa, marcando para a arte, deixem-me dizer, passada de Antonio Carneiro uma data gloriosa de incontrastavel triumpho, assignala para a sua arte futura um pezado, arduo, serio compromisso inilludivel.

Vindo do seu isolamento obstinado, do seu quasi obscuro recanto, do Porto, Antonio Carneiro, vencendo inabalavelmente como desenhista inconfundivel e grangeando na pintura uma fama cheia de

quasi sempre uma bella tentativa de interpretação desmaterialisadora, como no seu *Camillo*, que não pertence á citada collecção, adquirido pelo Museu de Arte Moderna com tino mais seguro do que o que o

esperança e de promessas, conseguiu, carinhosamente agazalhado por Lisboa, abater essa muralha intimidante de desconhecimento e incommunicabilidade de que se via tão dolorosamente cercado. O grande

:: CARAS ::



AVGVSTO CASIMIRO

∴ Da arte e do futuro de Antonio Carneiro ∴

publico entrou finalmente em comunhão com esse grande artista, que, talvez por culpa do seu exagerado retrahimento, ignorava, se não de nome, de trabalhos.

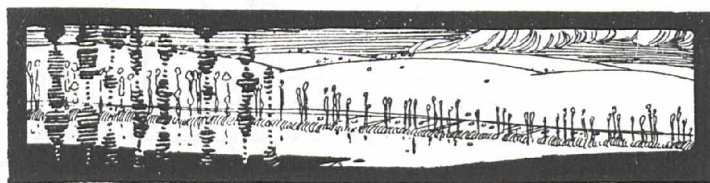
Vae, breve, voltar, com um vago ar de sorriso na sua barbada face meditabunda, com um bocado mais de paz e incentivo no seu vibratil coração tragediante, com mais ancía fremente nas mãos operosas, Antonio Carneiro á sua solidão de eremita portuense. Já o não separa agora, porém, do publico, que elle temia, aquella muralha de asperos pedregulhos, em apparencia inderubaveis.

Pela força de victoria que ha em toda a arte espontanea e sentida, as pedras rolaram ao embate energico do louvor. Para de novo se recatar, como lhe é grato, só lhe resta d'ora

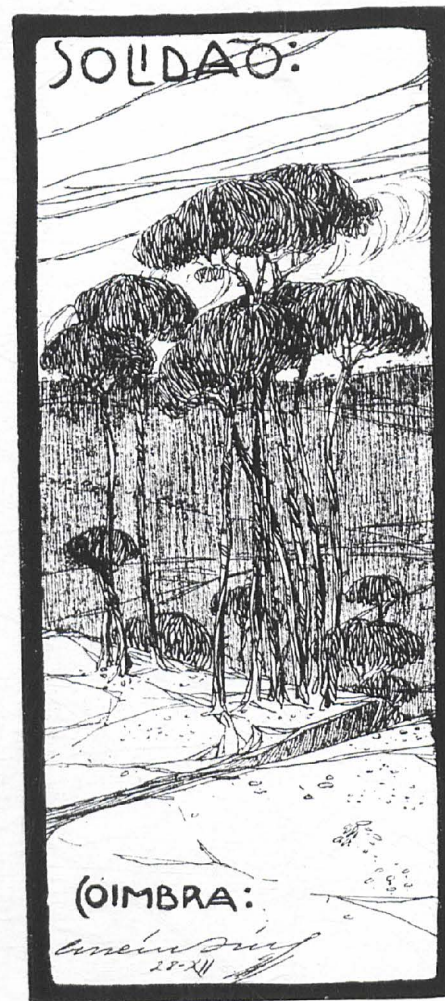
avante, tendo os publicos olhos fitos em si, um muro de vidro, isolador é certo, mas não occultador, nem sonegante.

Todos, confiados, talvez exigentes, aguardamos as suas obras novas — obras geradas, fóra da perigosa, sombria incerteza dos que tentam ainda, sob o estímulo propicio do triumpho; obras em que, morta a anciedade intranquilla e comprometedora dos que têm ainda de esperar, se espelhe a vigorosa, nitida, forte personalidade definitiva d'algum — Alguem — para quem os louros recebidos não foram nem surpresa, nem mercê, nem demasia, mas, apenas, o symbolo virente, honroso, justo, do premio que a sua alma genuina d'artista já vira a propria arte offertar-lhe, em sonhos, de frequente.

: MANOEL DE SOVSA PINTO :



∴ PAISAGEM ∴



DESENHO DE
CORREIA DIAS :

◡ A UMA ROMANTICA ◡

NO ALBUM DE M.^l
LUCIA BRANDÃO ::

I



TEUS olhos tristes (se o olhar não mente)
andam dizendo adeus a um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente...

E a tristeza do olhar anda dizendo
quanto deve soffrer teu coração
á medida que o sonho vai morrendo...

E por mais que tu julgues escondido
no fundo d'esse olhar silencioso
o teu sonho d'amor incompreendido,

Vê lá se o sei! — Um principe encantado
tomava-te em seus braços, ancioso,
e beijava-te os olhos, enlevado...

Depois... depois, cançada de esperar
o principe encantado que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar...

Teu grande coração, alma vencida,
que tantas illusões na vida tinha,
já começa a descreer tambem da vida...

Oh alma solitaria, oh alma triste,
o principe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe!

Sonhos d'amor, os sonhos ideaes,
em que tu, alma doce, confiavas,
são sonhos, sonhos vãos e nada mais...

: A UMA ROMANTICA :

II



SOFFRES, bem sei! e soffres com vergonha
de sonhar tanto e em vão! e tens no olhar
a cobardia de quem chora e sonha!

Mas sofre com orgulho! O pensamento
de poder mais que a dôr faz-nos gosar,
orgulhosos do nosso soffrimento.

Até a dôr esquece, quando o peito,
ao desfazer-se o sonho, ainda tem
orgulho p'ra o amar, mesmo desfeito.

Descrê da vida embora! (que se junca
p'ra ti de desenganos, sei-o bem);
mas de ti mesma não descreias nunca!

Tem orgulho de ti! de ser assim!
e ama o sonho d'amor que não viveste
n'uma torre illusoria de marfim!

E nunca te envergonhes de sonhar,
nem escondas o sonho que tiveste,
com receio de alguém t'ô profanar!

Ama-o dentro de ti! como acontece
áquelle que ama ainda com paixão
o phantasma de alguém que lhe morresse.

Um sonho como o teu, desfeito e bello,
só o sonha quem tenha um coração
... que não ache quem saiba comprehende-lo...

: SETEMBRO, 1907 :

: MANVEL LARANJEIRA :

: ARTE DE DOMINAR :



AHOJE professa-se com algum
ruído a religião da igual-
dade. As superioridades
derivadas de talento ou
da fortuna, do trabalho ou do estu-
do não despertam um acôrdo de
simpatias ou de aplausos, receben-
do, pelo contrario, da parte dos que
lhes passam por baixo um olhar de
ódio, quando não qualquer daque-
las raivosas ameaças que a dema-
gogia dirige sempre aos que se em-
poleiram alto.

Os mediocres querem reduzir
tudo ao seu nivel: não toleram he-
gemonias nem aceitam mestres.

O terra-a-terra das situações, o
homem despojado de orgulho e vai-
dade, conformando-se com as espe-
ranças rasteiras da coletividade,
rasoiada pelas invejas dos peque-
nos, eis o ideal que se prosegue
nas nossas sociedades, cada vez
mais entregues á idolatria estúpida
das virtudes que o profeta do *Zara-
thustra* chamava gregárias. Nin-
guem vê elevar um seu semelhante
sem ao mesmo tempo sentir um for-
te desejo de o despenhar na multi-
dão indistinta e turbilhonar em
que os desejos e as vozes se con-
fundem, como o movimento de cada
folha se confunde na brava agita-
ção de toda uma floresta rumorosa.

A multidão não quer homens re-
presentativos, personagens investi-
dos em soberanias e magisterios in-
teligentes: que tudo se reduza a
pó, á espessa areia dos povos que

na mais chata democracia realizam
as tarefas mais banaes e comuns. E
assim, a cada instante, milhares de
braços colericos se erguem no ar
para deitar ao chão os que, perante
o enigma permanente do universo,
conseguiram reunir aquela porção
de verdade que é necessaria para
guiar uma existencia por caminhos
diferentes dos trilhados pelas chus-
mas ignaras.

A igualdade é o Evangelho dos
anões, a vitoria sonhada pelos mor-
cêgos.

Debalde a natureza cria os seres
dotando-os diversamente — uns com
poderosas facultades aptas para
toda a serie de visões que vão des-
de a mais arrojada especulação me-
tafisica até á mais prepavel realiza-
ção de belleza; outros menos ricos
em fulgurações intellectuaes e artis-
ticas, mas bem feitos para o jiro
pausado das tradições e dos habitos,
geradores inexciveis de felicidade
terrestre — porque, conforme as
reivindicações das plebes modernas,
essa distribuição desigual de ener-
gias representa uma ofensa insana-
vel á justiça social que ameaça
abater todas as seleções, esma-
gando-as como se fôra um enorme
cilindro.

Esta pavorosa iconoclastia, po-
rem, não é tão radical como á pri-
meira vista poderá parecer: muitas
vêzes a furia de igualisar, de apla-
nar distincões e supremacias incon-
testaveis não vai tambem sem uma

: ARTE DE DOMINAR :

certa vontade de trepar ás emi-
nências.

Quem mais se esforça para apear
os outros do seu alcandor, occulta o
proposito de lhes tomar o lugar.
Cai um idolo para outro subir.
Quantos moralistas insignes não se
aprestam a denunciar ao publico as
manhas e intrujices alheias, acari-
ciando dentro de si a doce ambição
de ascenderem depois á adoração
que envolve os benemeritos e os
vencedores!

E' um caso de todos os dias.

A hipocrisia, que jura sempre o
seu desinteresse é mestra nestas ar-
tes. Toda ella finge arder em devo-
radoras chamas de dedicação e sa-
crificio pelos humildes, quando, no
fim de contas, só pensa em lhes lan-
çar nos olhos piscos a porção de
poeira suficiente para lhes iludir a
credulidade, satisfazendo inconfessa-
veis cubiças.

Por isso digo que o atual hor-
ror das desigualdades encobre fre-
quentemente intuitos de estabelecer
desigualdades ainda maiores, subs-
tituindo o valor puro dos que se
imposeram por um triumpho justo
pelas argucias capciosas ou remata-
das velhacarias de rabulas sabidos
nos processos de empalmar os suffra-
gios e aclamações dos simplorios.

Porque é que os sindicalistas re-
solveram sacudir a coloboração dos
elementos intellectuaes, contando
unicamente com a acção do proleta-
riado para realizar a transformação
da sociedade?

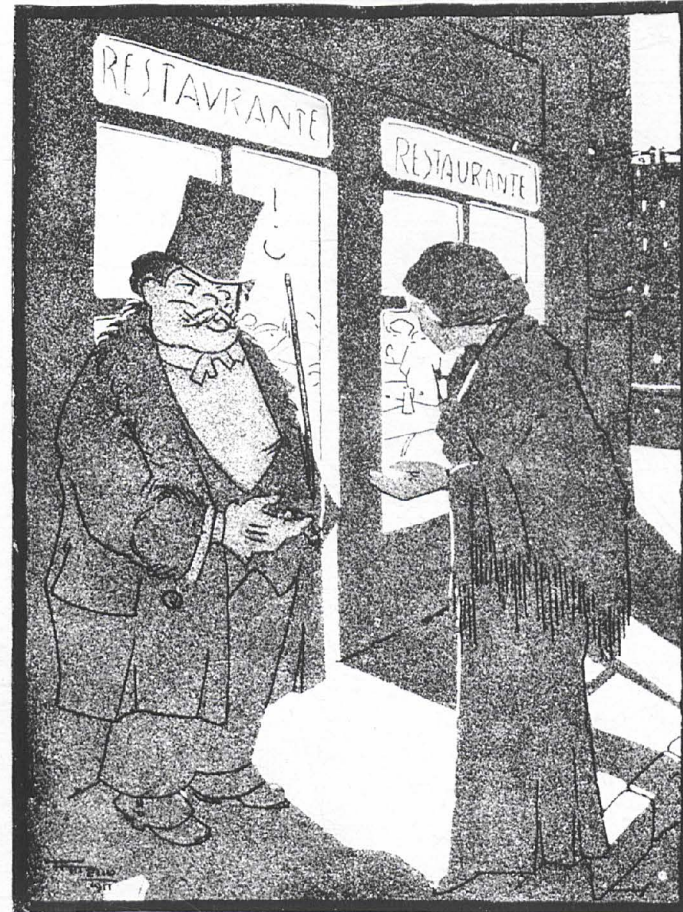
Cansaram-se de ser ludibriados
por uma cambada de palradores, a
estalar de embofia, que falavam
na libertação economica dos traba-
lhadores, mas com o ganancioso fito
de se libertarem a si proprios de
penurias, rompendo do socialismo
para o confôrto comodo das altas
situações politicas e parlamentares.

Tenhamos sempre receio dos ho-
mens que, em face de auditorios
boquiabertos e sugestionaveis, cla-
mam o nobre intento que os anima,
de se votarem á causa dos oprimi-
dos, rasgando-lhes perspectivas lar-
gas de libertação. Podem ser sinceros,
mas se o são, as suas oratorias
perdem em pompa e espalhafato o
que adquirem em ardor convicto e
em simplicidade eloquente.

Os verdadeiros apóstolos e edu-
cadores não abrem horisontes se-
ductores á ingenuidade candida dos
que os escutam, tratam sim de lhes
fazer perceber o esforço lento que
teem a realizar para se tornarem
dignos de uma conquista ou de uma
melhoria social. Os pantomineiros,
esses não estão com meias medi-
das: prometem tudo, de sorte a
deslumbrarem com o fulgor fantas-
tico de suas promessas as gentes
que se propõem captar para juguê-
te das suas aspirações.

Pouco os incomoda que as suas
palavras venham a perturbar crea-
turas que de calmas e pacificas se
volvem em agentes de tumulto e
discordia, gritadores anarquicos de
ruas e praças... O que elles que-

:: MORALIDADE BVRGVEZA ::



POIS QVÊ?! TENS FOME
SENDO BONITA?!

DESENHO
DE BALHA
E MELLO.

: ARTE DE DOMINAR :

rem é cardar a lã dos papalvos, isto é, *arranjar-se!*

Outrora os reis resumiam em suas sagradas pessoas toda a essência do imperio e da força. Os povos eram os seus docéis rebanhos, os scetros simbolisavam o cado pastoril. Em volta delles, a namorar-lhes a proteção e as graças, quem estava? A corja vil dos aduladores que se rojavam a seus pés sem dignidade nem brio, afim de apanharem um pontapé ou um favor.

Agora o soberano passou a ser o povinho, consoante resa a lettra ironica das constituições. D'ahi eis a farandula dos pedintes e dos arranjistas a exaltar-lhe as virtudes e a assoprar-lhe as prosapias. A eleição que investe *um qualquer* no desempenho de um mandato, corresponde á velha cerimonia liturgica da unção real. E' das urnas que saem as vespas que depois vão ferrar o aguilhão no cachaço da rez popular. Esta sentindo-se mordida, espumando bruta colera, precipita-se em louca carreira, como se quizesse subverter todos os que lhe espicaçam a paciencia e a risivel soberania.

Mas sempre o pano encarnado, sacudido pela mão habil de um novo produtor de illusões, detém a férra que, pouco a pouco, estonteada,

sem noção do que pretende ou faz, se deixa conduzir ao curral amovelmente— o que indica ter caído noutra logro, ter deixado surpreender a sua boa-fé noutra cilada. E assim successivamente...

As turbas não se mostram dispostas a tolerar as creaturas de merito seguro que na sciencia, na filosofia, na arte, no trabalho, na litteratura ou na luta social se illustraram, arrancando ao misterio fundo do universo ou da vida aquelles imortaes clarões de saber, de justiça e de emoção que esclarecem um tanto a treva do destino humano.

E porque esta má disposição?

E' que esses não mendigaram o seu auxilio. Impuseram-se como factos naturaes. A propria energia vital os ungiu. Surgem nas sociedades como os astros nas alturas: tudo devem á enigmatica evolução da energia que se deposita nos cerebros e nas almas, segundo medidas e proporções inteiramente desconhecidas. O sabio ou o artista produzem-se não sob as azas de um proteccionismo qualquer, mas como casos indiscutíveis, superiores ás avaliações e juizos do povo. Pedir-lhes a razão da sua existencia, seria o mesmo que pedir ao sol a razão de ser da sua soberania planetaria!...

: COIMBRA, 29—XI—911 :

: JOAQUIM MARTINS MANSO :



::: O ELOGIO DOS SONS :::



AGUEIAM minhas mãos sobre um teclado
Num abandono... Eu sigo a nebulosa,
A indefinível curva misteriosa
Dos sons... e do meu sonho abandonado...

Ungem-me os sons as mãos como um perfume;
Lembram, no vôo brando e transparente,
Lirios de neve, pétalas de lume,
Gritos, carícias, chôros, vagamente...

Numa cegueira doce, ali, á tóa,
Vagueiam minhas mãos, devagarinho,
E, na musica lenta, eu advinho
Outra mais bela que em minh'alma sôa...

E despertam os sons, erguem a voz,
Sam como aparições, vam e esmaecem...
— Fogos fátuos de som que se adormecem
Vagos e melancólicos em nós...

E aquelas vidas mortas mal assomam
A' Vida, aquelas vidas vaporosas,
Em meus sentidos piedosos tomam
A doce luz das coisas saúdosas...

Em tudo as advinho adormecidas,
Almas de nevoa e som, a procurar
Indefinidas, tristes e esquecidas,
A alma de amor que as venha despertar...

Tanta tristeza dizem, tanta mágua
Dizem os sons, em gritos, a gemêr,
Que a gente sente os olhos rásos de agua,
Que a dôr deles tambem nos faz sofrer...

::: O ELOGIO DOS SONS :::

E o misterio indizível e profundo
Que eles evocam, soando, esmorecendo?!
Ah! — sam portas que dam para o outro mundo,
Sam auroras no Alem alvorecendo...

Mãos de misterio, mãos cariciosas
Vam num afago triste despertar
As infinitas vidas misteriosas
Perdidas em nós mesmos, a sonhar...

Sombras da nossa alma — eis que as afaga
Uma outra luz mais alta vacilando,
E os sentidos perdêmos, flutuando
Numa névoa que cinge e nos afaga...

E o nevoeiro ergue-se... Uma a uma,
Num vôo de azas lentas, desmaiadas,
Erguem-se as vozes tristes pela bruma
Como pétalas brancas desfolhadas...

Vales de névoa e luar ás horas mortas...
(E o coração oprêso, inquieto, pára...)
Abrem-se no silencio largas portas,
E sobre a névoa ondeia uma luz rara...

Névoa, luar, silencio... O ceu tam perto
Que as nuvens já nos lévam, nos embálam...

— E a Vida surge como um livro aberto,
— E as esfinjes caladas porfim falam...

: AVGVSTO CASIMIRO :



◦ TÊSE SOBRE O HUMOR ◦



humor devia ter nascido de uma contracção dolorida. Foi no Egypto o doce escultor das figuras imoveis

e monotonas, o terno constructor dos tumulos. Um dia um desprezível camponez, que lavrava as seáras, teve de curvar o dorso ruivo á vergasta de palmeira, por não poder pagar o dizimo das colheitas. E a dor sentida foi tão brutal que o rictus convulsionado da mascara se lhe converteu numa hilariante pantomima de galhofa. Então um rir estridulo rasgou na face do seu dono uma gruta enorme de sombra, e encantado, o senhor mandou suspender o castigo.

O humor estava creado. E assim o humor começou descrevendo pelo mundo a sua trajetoria inexoravel, devastadora.

Mais tarde na India elle protegia o miserrimo sudra do brahmane despotico, e, depois de ter produzido na Judeia a indecisão e o medo de Poncius Pilatus, o humor contribuiu em França para se instituir a guilhotina. Em 93, em 48 os craneos rolando numa expressão macabra e pitoresca, o que eram senão pequeninas crispações, mômos impossiveis, sobresaltos elasticos do humor, contagiando tudo da vivacidade espumea, da ironia alerta e subtilima que os ceramistas etruscos achavam para os seus frisos?!

Elle inventou Ariosto, Arlequim,

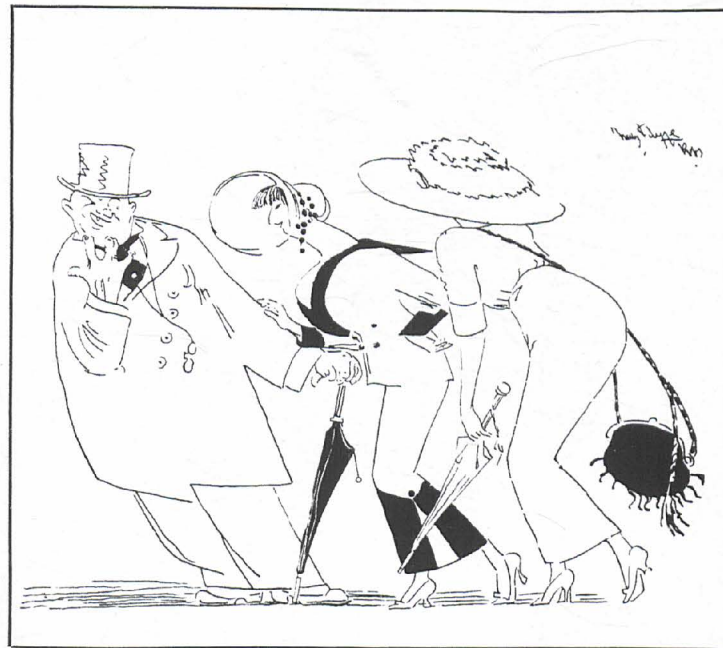
Voltaire, Cervantes, o Jardineiro Karr, quixote dos paradoxos ligeiros, sancho pansa dos tratados de floricultura. E quantos mais!...

Como os myopes vêem as flambugues nocturnas das luzes rodeadas duma nevoa caustica, mordente que os epileptisa, elle olha p'ra uma dôr e transfaze-a num esgáre; e os gritos, as lagrimas, as coleras, os odios azues lividos, os soluços esfibrantes na sua pupila daltonica abrem-se no ar em loiras corollas de risos, em couplés de Offenbach, raivasinhas mansas e flatulencias.



O humor creou os cerimoniaes e a etiqueta que fez das realesas manequins irrisorios. Quando Philippe III de Hespanha por causa de etiqueta se deixou queimar por um *braseiro*, o humor invisivel no ambiente magestatico, ria voltaireaneamente. O humor deslocou a essencia religiosa das procissões introduzindo-lhes o *vaudeville* dos anjos. E porque é que, pela semana santa se perde de todo a ideia de um Jesus de bondade crucificado para nos redimir? porque veio o humor e transformou-o num pingue manancial dos confeiteiros. Elle surripiou aos enterros o seu «facto solemne» creando o chapau alto e a sobrecasaca preta. O humor enfim foi á face da tragedia e besuntou-a dum vermelhão

◦◦ MODÉSTIA ◦◦



— UMA OPINIÃO SOBRE O AMOR NA MINHA EDADE!
— ORA, SENHOR CONSELHEIRO, ISSO É MODÉSTIA...

◦ DESENHO DE ◦
◦ LUIZ FILIPPE ◦

: TÊSE SOBRE O HUMOR :

imprevisto, esfusiante, mas na da Farça traçou toda a sorte de arabescos tristes: de maneira que nas nevropathias contemporaneas não ha olhar por mais aguçado cujo frenesi analitico differença-las agora consiga.

E irremediavelmente se ha de ir hoje misturando o sonho com as materialidades, a magua com o ridiculo, o amor com a descarga dos sentidos.

I

Aquelle cadaver rigido no seu caixão, que atravessa como uma cicatriz immensa e lassa, a physionomia sem intelligencia das ruas e sob o nojo das janellas onde suam todas as ignominias e sujas sensualidades dos «interiores» — esse resto de idealista tem uma historia. Eu não vou agora encostando-me aos velhos processos, dizer que a encontrei no espolio dum mendigo, morto no hospital. A razão é por não acreditar que *elle* ou qualquer outro se sugeitasse a escrevel-a. *Esse* apreciavel estylista não se preocupava com futilidades; redigiria antes uma «petição» dizendo-se operario despedido pelas suas ideias republicanas; passava-a ás portas com a sua politica e seria presidente dum *centro* onde depois esfuracava a grossas diatribes o capital e o erario.

Foi hontem no teatro, aonde me levou a hallucinação deliciosissima

de nunca deixar de ver a tua graça clara de britannica, desabrochada ao sol peninsular, — foi hontem que eu a inventei. No logar occupado por ti a noite passada, um vulto incharacteristico tinha gestos viscosos de salamandra.

Embora! eu sentia na pelle o teu halito de flôr, os olhos reviam o meigo tom do teu vestido lilaz e o meu ouvido bebia no ar sonoro a tua religiosa voz onde ha reflexos flávos de joia, emolencias de luar e emballos de musicas veladas.

Tu aparecias-me toda, radioso facho de perfeição, nas tuas minimas attitudes — primaveras precoces onde ha risos de amendoeiras — tu que és um tanto joia, perfume, musica, luar.

Um burguez que exhalava um cheiro torpe a gorduras e a cavalariça, irritava-se com a minha mascara de artista, perfumada a trevo e a pó d'arroz.

Entanto iam entrando dos adulteriosinhos, dos spasmosinhos e das extravaganciasinhas nas alcovas mediocres de Marcel Prevost, as mulheres de Maeterlinck com fundo de estopa em vez de fundo moral, serpentinando a murcha hesitação dos seus corpos de *petites amies* de convento: e no encaço lhes vinham os homens vulgares de Octave Feuillet, que fallam da virtude fechando os olhos e com as preocupações, com as dedicações e o mysticismo lodoso de Mr. de Camors.

E umas e outros todos elles le-

: TÊSE SOBRE O HUMOR :

vitas grosseiros do Deus Phallus, moviam, em póses de galhofa, as figurinhas nostálgicas de regressão. Então deante destes homens e destas mulheres — pretextos alegres de uma nacionalidade pretendidamente civilisada — um desfalecimento me

entrou na alma, se me alastrou na sensação e eu assistia agora ao enterro dos meus sonhos, dos meus horisontes, dos meus entusiasmos. Ah, tudo finda!

E, ephebas, vivas dum catitismo desconjunctado, maneiras fininhas, cheias de um picante férro e epigramático, duas figuras surtem em passo humorístico de dança, fascinando o olho de periquito meditabundo dos espectadores.

O' corpos amaciados para satisfazer a gula torva das covas! Mais tarde quando passos indiferentes arrastarem a sua atonia por entre os cemiterios, dos jazigos das sim-

ples lousas terra-a-terra, das cruces humildes e elegiacas ha-de sahir um murmurio timido, como um alvoroço discreto de creaturas pallidas e maceradas, que falam baixo, que riem baixo e olham o susto. Nas lousas supplices, enchendo do vago

medo, irritando com a sua impassibilidade de máscara, de traz do que não ha nervos, nem claras sensações, nem energias, nem o rutilo sangue. E é tudo o que resta dos vossos frenesis creantes, das vossas grimacerias, das noites de gloria e das angustias pela estupidez irremovível das plateias, ó comicos!

Estes pensamentos foram, ó Unica, o germinal que em mim fecundou a visão d'esse idealista no seu esquite, revelando álem, com a sua historia... como essas imagens d'espectros angustiosos, duma sensação doentia alevantadas por certos poentes cõr de absintho pallido e folhas seccas.



: TÊSE SOBRE O HUMOR :

II

«Agora que eu a seguia, as suas toilettes eram sempre cassas graces, fazendas ligeiras de tons ternos dando-lhe um ar de confiture preciosa, irrompendo de papeis de seda.

E o seu cinto de fios de ouro de fabula oriental! com entrelaçamentos, folhagens e tonalidades matutinas de azas hieraticas; o seu cinto onde sonham, num fundo de gloria, poentes de outubro condensados e auroras de carnes puras de creança, envolvendo de cambiantes moreno-doiradas a sua juvenildade gracilima de magra!

Mas bem me lembro de te-la encontrado já, ainda em saias curtas de bambina precoce. Os seus estofos eram então d'um preto austero.

Nostalgias de inverno quando a natureza veste o alburnoz das brumas passionaes e os pungitivos ceus esfiam o pranto da chuva — Niobe esmanchando as tranças dolorosas... Nas teorias imbecis e azafamadas de chapéus abertos pingando, homens de galocha e esculturas sem arrojo de galateias bisonhas, ella punha um destaque maravilhoso de frescura, com os seus gestos em curva, derramando claridade pelo ar, como esses esmaltes cheios de caracter que nos chegam das manufacturas chinas, seu melodioso perfil de Cecilia de Mantua, da medalha de Pisanello; vivaz como o champagne — essa bebida esvelta e

pagã em cujo capitoso ambar residem não sei que remeniscencias da alma grega, phantasmagorias, Deus o sabe! de Páris e Helena, cujos corpos musicos se enroscam e sugam em frenesis doidos.

Onde sobretudo a minha admiração gosta de contempla-la é no teatro, por ella ás vezes ennobrecido com a sua presença. Ali, no immenso navio sonoro, que os burgueses apulhastram, com seus dichotes fulvos de marujos, eu sou excessivamente feliz e desgraçado, conforme ella é affavel, consoladora, cortante, desdenhosa. Um sabbado, por casualidade, ficamos juntos, a minha cadeira logo atraz da sua. Deus justo! Eu tinha-a ao alcance do meu braço sem que um sequer dos meus desejos — todos de pureza — a pudesse afflorar. Ah, mas tendo-a perto foi um orgulhoso remarcar das suas perfeições. A sua fronte soberana parece ter emigrado luminosa e suprema dos *magazines* d'arte; basta fixa-la, e rapido, na lanterna magica da memoria passa a caravana melodiosa das grandes figuras dramaticas: Theodora, Phedra, Margarida Gauthier, *lady* Macbeth, Julieta, Electra, Ephigenia, Antígona; as creaturas que as *realizaram* plasticas e vivas, com a sua vida nocturna de estretecimentos, de combates, de amores, de delirios e as dynamisaram entre paredes mal juntas de lona ficticia, apenas com a energia alucinatória dos seus nervos supra-

: TÊSE SOBRE O HUMOR :

sensíveis: Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, da *vecchia* Italia do melodrama.

Um pouco Duse nas attitudes, ella guarda em certos momentos, a expressão estatica de quem recorda phrases estellares, e um calafrio de arte parece lhe percorre todo o corpo, torna incoercível a linha rithmica do seu perfil de Billy-Burke.

E a esvelta florescencia das suas mãos! as suas mãos que suggerem, segurando o leque, as *fêtes* delicadissimas de Watteau!

Mãos inquietas e hyper-sensíveis que tendes a maciesa das rosas-chá e onde as veias, as pequeninas veias lembram os filamentos d'oiro dos crisantemos, mãos que Balzac celebraria, mãos para erguer a reza convulsa dos violinos — esses Leopardis de som — mãos para tocar Beethoven e as melodias elegiacas de Schumann... pudesse eu sentir-vos poisar na febre a 39º dos meus olhos e debelar-m'a!

Ah, seres tu a minha mulher!... — e nos jornaes diriam que em taes noites, tal teatro, uma mensageira do Bello daria tantas recitas... tu que possues a excelsa nevrose das grandes sensações immorredouras e uma curiosidade superiormente intelligente e intranquilla de sublime, entrarias, anciosa, no camarote; eu desapertava-te o *bourous* de Serenissima Infanta, bordado à *jour*, e como um suor

immundo, exhalar-se-iam da pelle alcachinada da multidão, para a tua loira graça de venesiana, os murmurios toscos e neutros que o meu orgulho nunca escuta...

Esse sabado, porém, nunca se fixaram em mim os teus olhos inconstantes. De redor palmas celebravam no seu *begaiement* imbecil, não sei quê. Tinhas partido, e crudelissima nem te voltáras uma vez unica para me vêr.

.....
.....
Sou o Barba Azul, olé,
Ser viuvo é meu filé...

Então, horas altas, no meu quarto de terceiro andar, quando a Noite dorme, toda nua, estendida no luar das planicies, triste mulher de seios infecundos, cuja respiração povôa de enigmas os echos dos valados e de cuja cabelleira de musa tragica se desprende, dirieis, a inquietação das sombras carbonosas... — sempre que eu recordo os teus desdens ou a fluida meiguice dos teus profundos olhos crepusculares, onde esmaecem *longes* de paysagens — então a voz do meu visinho, roufenha, congestionada, resumo de vida grosseira, miseravel, crapulosa, irremediavelmente, a voz detestavel saltita:

Sou o Barba Azul olé,
Ser viuvo é meu filé...

E esta perseguição sardonica ha de levar-me ao suicidio.»

: CARLOS PARREIRA :

:: EXCERPTO ::

«LA VIDA ES SUEÑO»



ILHOS, sonhae! Que é a nossa vida sem chimera?
Um páteo de prisão, uma velha galera
Perdida no alto mar, á rouca ventania:
Pobre barca de tédio e de melancolia!
Feliz de quem sonhar um porto ambicionado,
Ilha verde d'amor num nevoeiro doirado...
Sonhar! Voar! Como uma ave refulgente,
Que se afoga no oiro e no lume do poente...

A arvore da vida é o mais rico thesouro,
Se houver um sonho em cada ramo — um fructo d'oiro!
Oh chimeras de luz, se alguma nos resplesce,
Deixá-la voar, que um lindo sonho não se prende,
Deixae que elle encha a treva, á maneira de lua,
Que tambem não é mais que um sonho que fluctua...
Aquella voz antiga e soturna do mar,
E' porque elle anda sempre amoroso, a sonhar.
Cada flôr que abre, a rir, é um sonho da terra,
Pois porque tanto amor e tanta graça encerra?
Aquelle filho, pequenino e tam risonho,
(Vêde a mãe a emballa-lo...) aquelle filho é um sonho...
Ah! tudo é um sonho enorme, augusto, illuminado,
Que este mundo, afinal, anda todo encantado!...

Filhos, brincae, amae! Dae-vos as mãos pequenas,
Desfolhae risos no ar, puros como açucenas,
Archanjos, sacudi, sacudi bem as azas!
Que supulchros não são aquellas pobres casas
Onde não entra o sol da innocencia e do amor!
Filhos, fazei dum monte um jardim todo em flor,
Correi, vinde a cantar numa ronda celeste,
Vinde transfigurar nas paisagens lutuosas
A minha arvore amiga, esse esguio cypreste,
Que de repente, num milagre, enchei de rosas!...

: JVLIO BRANDÃO :

: COIMBRA E A TRADIÇÃO :

VIVEMOS do passado. Se nos perguntam quem somos respondemos o que fomos. Encanta-nos a lenda. E á volta do mais pequeno sucesso, mystificando-o, completando-lhe o enredo, fazemos conto e por pouco não conseguimos integral-o nos bons tempos de certo velhinho de barbas brancas. Vae a nossa phantasia filha da maravilhosa imaginação arabe, descobrindo moiras encantadas nas aguas das fontes e nas penedias das serras, onde divinas mulheres que a credence do povo corooou de peccado, esperam a hora do desencantamento. Como os que, ricos um dia, passado elle empobreceram, tendo de sustentar-se da miseria do que são, mas orgulhando-se da riqueza perdida, nós amordaçamos a tradição que nos falla de grandezas idas, e vamo-la arrastando como desculpa até ao sacrificio do aniquilamento. Na religião, na politica e na arte, encontramos sempre justificação a atrazos indefensaveis, allegando a gloria do que tivemos na parcella do que nos resta. Volupia extranha, a nossa, em recordar e em adivinhar!

Povo da saudade e do fado, as duas grandes taras da raça de grandes, que desordens de sangue transformaram em raça de mesquinhos, afizemo-nos a chorar indolentemente, quando deviamos gritar revoltas e a soffrer resignados quando era dever nosso gosar altivos.

E julgamo-nos desobrigados de lutar e de vencer novamente, só porque outr'ora cantámos ou porque nos convencemos de que o fado nos marcou a hora do estagnamento do sangue forte.

E' medir a pobreza do presente pela abastança do passado, é defeito de Pedro Sem, morrer aos poucos porque a lembrança do que foi não enche barriga, e o que é peor, morrer na illusão dum sonhado renascimento.

Povo de poetas, teem todos elles lagrimas para elegias, e os que tentam fazer hymnos conseguem maus epicedios.

O português vae com os velhos.

E' um caracteristico interessantissimo este, para o estudo psychologico da nossa raça.

Ha defesas de absurdos que se não explicam? Não nos lembra mais nada para os justificar senão a tradição.

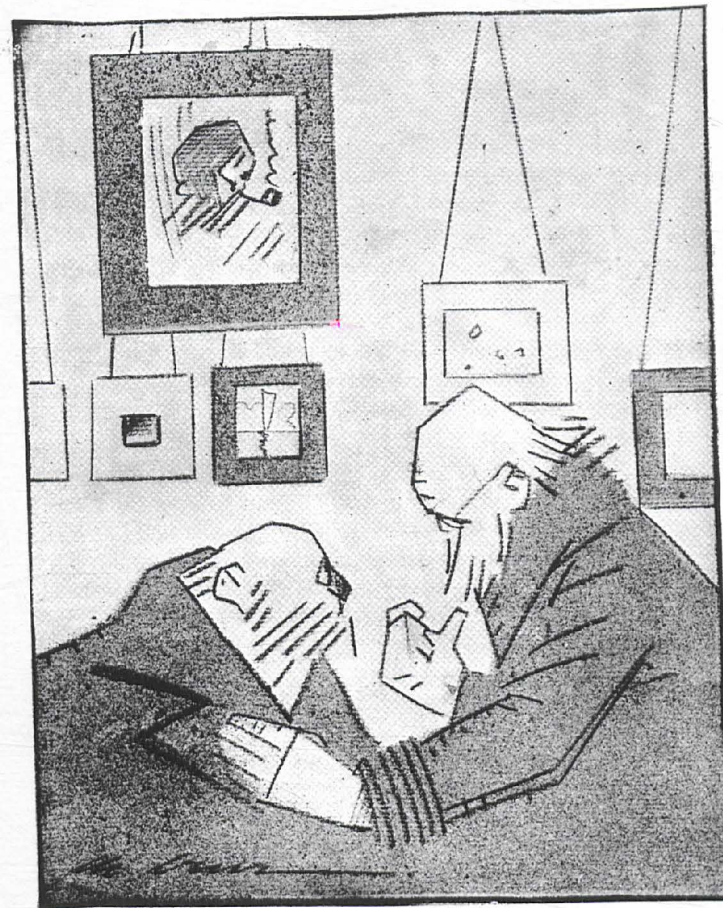
Velharias insonsas, confirmativas da nossa decadencia intellectual, preocupações tolas significando indigencia esthetica e todo o desfiar das características do nosso exgotamento acham defesa na tradição que se vem esfrangalhando.

Nas pequeninas coisas sobretudo, é que é sonhar sonhos de tradições mortas e apodentados anachronismos!

□ □ □

A Coimbra Velha viveu muito da tradição. A' cidade do Mondego

Realismo e... Realismo



— QVER V. E. VÉR O MEU QVADRITO?
E' TVDO QVANTO HA DE MAIS REALISTA!
— COMPRO! DA' CONFORME OS
MEUS PRINCIPIOS... SOV MONARCHICO

DESENHO DE
CHRISTIANO
CRVZ □ □ □

❖❖ COIMBRA E A TRADIÇÃO ❖❖

criamos-lhe a sua lenda com amores e saudades que o rio levava, chorando na amargura martyrisante dos que resam baixo.

E como os poetas vinham de Coimbra acordamos em chamar-lhe a *cidade dos poetas*, que por cá morriam romanescamente pelo outomno, ao rythmo das folhas, cahindo. E quem de Coimbra fallava, perdia-se na evocação dos choupos, que diziam ao céu as maguas das aguas mansas do rio, das cabelleiras e das guitarras, das tricanas e das capas para as cobrir nas noites galantes, e embebia-se na reza dum rosario de anecdotas rendilhadas e bohemias sentimentaes, tonificadas pela graciosidade do espirito coimbrão. Isto era a parte bella da cidade, em que até os penedos tinham nomes lindos.

Mas havia a parte medonha das condições, tyrannicamente impostas aos novatos por velhas praxes, que fizeram o gaudio de muita gente, correndo de norte a sul a fama de que os mestres eram legitimos representantes da *figura robusta e valida* dos *Lusiadas*.

Fallava-se no garboso Callixto, amigo de formulas rigidas e uniformes luzentes, que um dia mandára dizer na aula por um archeiro a um alumno, muito commodamente agasalhado num *cach-col*, que deveria para outra vez limpar o rosto em casa. Seguia-se-lhe o Assis, lente de finanças, que se enfronhara na pre-ocupação de augmentar a cifra da

asneira nacional. E a Coimbra da Marrafa e do Paixão surgia com a Porta-ferrea fugas apressadas sob a ameaça da moca, a troça implacavel e implacaveis mestres...

O gosto pela tradição fez época e gerações, e gerações que por cá passaram foram vivendo della e alimentando-a com romantismos chôchos.

Hoje, deposta a tradição com o Callixto, que foi para o outro mundo commandar batalhões de anjinhos, perdido o medo dos mestres, esboçado um movimento salutar de renovação de ensino, apenas um outro continua amarrado á rabujice dos costumes de ha cem annos, amortalhado gostosamente no luto da capa, que já nem tem a desculpá-la a economia por ninguem hoje desejar traze-la rota como dantes.

E na Coimbra Nova de ruas amplas, aberta ao progresso, com electricos e cinematographo, apenas ficaram da tradição uns pobres moços que sonham á luz do sol no choupal, cantam depois de encherem o estomago em ceias abastadas e choram sómente nas horas comovidas da bebedeira.

No emtanto, lá por fóra continua a mesma lenda e a mesma crença sobre Coimbra. Meninas casadoiras em vez de pagens de olhos azues e cabellos de sol, sonham bachareis formados, sobraçando pastas ber-rantes com fitas vermelhas.

O burguês continua a ter um

∴ COIMBRA E A TRADIÇÃO ∴

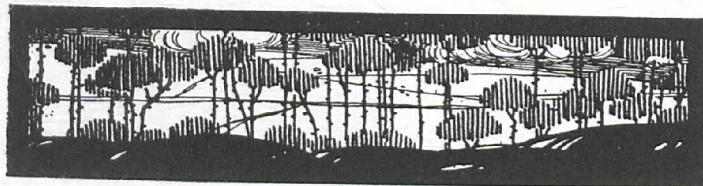
certo respeito pelo estudante de Coimbra, um troça-tudo inexorável de quem elle foge mais do que o diabo da cruz.

Limita-se ainda a melhor aspiração dos velhos, a ter um filho for-

mado. E o bacharel, não obstante as arremetidas furiosas de alguns plunitivos pouco fortes em sciencia de leis, continua a dominar á mesa do orçamento. Foi esta a unica tradição que ficou.

∴ COIMBRA ∴

∴ NVNO SIMÕES ∴



∴ O AMOR E O MAL ∴



U que andavas tam fraca e tam doente,
Que por mim, dia e noite, eras seguida
Para te abrir os braços docemente,

Mal fosses a caír desfalecida . . .

E desde aquele dia unicamente
Em que tu lá caíste adormecida,
Que começas a estar convalescente,
— Mas sempre o mal te hade espreitar a vida . . .

Vê se dormes um sono bem profundo . . .
— Lá fóra não se vê o ceu luzir,
Cái uma torva Noite sobre o Mundo. —

O' minha pomba trémula, adormece,
Aconchega-te bem para dormir,
— Que a gente sabe lá quando amanhece . . .

: JAYME CORTEZÃO :

:: SGRAFITOS ::

QUANDO no *Etui de Nacre*, de Anatole France, o engenheiro Dufresne após um sonho de trezentos anos, acorda no mundo novo da Federação europêa, os seus olhos rebuscando ansiosos a sua casa em Paris, encontravam em lugar dela e da cidade, longas estradas coleantes desenrolando-se a perder de vista pontuadas de habitações graciosas e montões de verdura. As casas eram todas dum estilo estranho e dum forma nova, demasiado pequenas para serem de gente rica, ornadas apezar disso de pinturas, de esculturas e de faianças brilhantes, sob terraços claros em que o sol se espelhava: cada habitação aparecia como o ninho dum artista carinhosamente entretecido, e o engenheiro mal podia esconder o seu espanto. Este sonho do genial artista teve já entre nós uma realização quasi completa vae para quatro seculos, quando as riquezas da India arrebatavam de fartura os grandes potes de barro na penumbra fresca dos celeiros e adegas...

Um espanto igual ao que se apoderou do sr. Dufresne teria embaraçado qualquer medievo indigena nascido á sombra de muros castelejos, a quem um poder de magia collocasse de repente, resuscitado, numa cidade ou vila da sua provincia cahidos alguns seculos, em pleno renascimento.

Os rudes homens, vilões ou se-

nhores, costumados aos seus fojos de madeira e de taipa haviam de maravilhar-se ante o espectáculo que os edificios e a propria terra, tocados dum mudança de luz, lhes apresentava nos seculos xvi e xvii.

Por toda a parte, das casas mais humildes aos solares dos fidalgos, a pedra alva e macia se estadeava, trabalhada, nas janelas, nas misulas, nos portaes. Nas frontarias ao abrigo dos beirões corriam teorias de *sgrafitos*, e ediculos e nichos entre azulejos devotos cortavam a monotonia da cal: cada habitação era como o templo do seu senhor, e como santuario se adornava. Estava-se longe dos primitivos que reservavam as maravilhas da arte e da comodidade para as casas de Deus...

E' já difficil hoje estudarmos completamente o que foi essa maravilhosa epoca.

As cidades no seu progredir constante, não guardam quasi nunca aspectos caracteristicos, porque cada seculo que passa acumula construções sobre alicerces de construções.

Nas pequenas vilas porém, adornadas no bocejo tranquilo dos anos, a vida antiga como que se prolonga nos edificios intactos e nas gentes immobilizadas nos tipos.

E' nelas que melhor se podem ir estudar as manifestações artisticas populares.

Aqui bem perto, Tentugal e Montemor o Velho, são dois arquivos preciosos espalhando as suas cole-

:: SGRAFITOS ::

ções sob a caricia do sol frente ás aguas claras do Mondego.

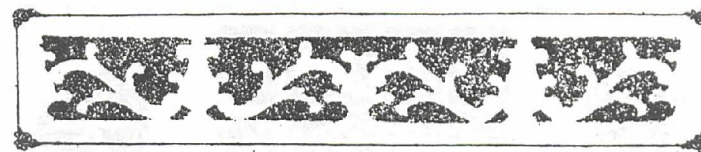
Um dos modos de decoração mais bastamente usado com a Renascença e a seguir a ela, foi o do *sgrafito*.

O *sgrafito* era um motivo ornamental que se obtinha collocando sobre a superficie caiada das paredes uma folha de metal com um ornato em aberto; raspando em seguida a cal por meio de uma colher de ferro, a côr cinzenta ou avermelhada do barro ficava a descoberto consti-

das habitações é no geral feito pelos proprios blócos da construção.

Importado de Italia talvez no seculo xv, o *sgrafito* como que se naturalizou depois: nessa naturalização creou tipos novos e ao lado do *sgrafito* puro, legitimo descendente do importado de Italia, creou-se uma maneira de *sgrafito* popular com motivos dum simplicidade rudimentar e pouco variada, comquanto interessante. De ambos se encontram vestigios na região artistica de Coimbra.

Uma das maiores qualidades desta



Um exemplar de sgraffito erudito

tuindo o fundo do desenho, desenho que tambem se obtinha nas côres do barro sobre fundo branco, arrancando na folha de metal a recortar, em vez do fundo, o ornato.

Nas regiões onde o calcareo, e portanto a cal abundavam, como no centro e sul do paiz, os *sgrafitos* medraram e embora a tradição deste trabalho se haja perdido em Coimbra e na sua area, mantem-se ainda hoje com motivos curiosos e elegantes em Evora, Beja e respectivas zonas de influencia artistica. E' claro que este modo de decoração não pôde desenvolver-se na parte granitica do paiz onde o revestimento

fôrma decorativa é a de poder adoptar-se com facilidade nas habitações humildes e embelezá-las sem dispendio, tão simples é o seu processo de applicação.

Em Coimbra, onde floresceu no seculo xvi e principios do xvii, enchendo as paredes de fôrmas graciosas e animaes estilizados, a tradição de tal trabalho perdeu-se completamente.

Hoje na cidade, podemos encontrar dignos de nota como tipos de *sgrafitos* puros, semi-apagados já, os que ornem o longo friso e a fa-

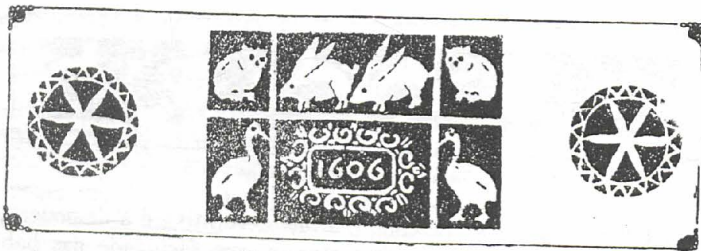
:: SGRAFITOS ::

chada dum palacio do fim do seculo xvi, no alto da rua do Norte.

Nos arrabaldes, porém, na Povoação, nos Banhos Sêcos, no Rego de Bemfim, em Souzaelas, em Eiras, no Sobral de Ceira, etc., nas casas velhas em que as unhas do tempo cravejaram o reboco das paredes, aparecem frequentes vestígios desse outro *sgrafito* popular e simples de que atraz falei. Singelas rosetas de seis folhas, velho motivo provindo já dos tempos protohistoricos, colocadas ao abrigo dos beiraes, alegrando os muros, ladeando as ja-

môchos, gansos, e outros animaes, rodeiam as datas da construção bem distintas a branco sobre o fundo avermelhado: 1606.

Este motivo ornamental é dos poucos que em Coimbra ainda não foi tentado. Neste meio, onde todas as iniciativas de renascimento artistico encontram para as encorajar, dirigir e executar, homens como A. A. Gonçalves, Teixeira de Carvalho, João Machado e Miguel Costa, era facil adoptá-lo e reanimá-lo, distribuindo modelos.



Um exemplar de sgrafito mixto

nelas, acolitando cruces, constituem a base de toda a ornamentação. A's vezes aparecem conjugados os dois motivos, popular e erudito. E' o que succede numa velha moradia da quinta de S. João do Piolho, a 3 kilometros de Coimbra, sobre as Lages, onde todo o alto das fachadas se encontra coberto de *sgrafitos*.

Rosetas de seis folhas bem populares e tradicionaes, alternam ali com representações eruditas em que

Como seria belo se nas pobres habitações dos nossos camponeses, cuja miseria se debrua de cravos rubros, ou nos bairros populares geometricos e tristes, podessemos olhar, espalhando um pouco d'arte sobre as casas e as vidas, alguns desses desenhos ondulados e gracis...

E' possivel que daqui a trezentos anos, no mundo novo da federação europea, isso venha a acontecer.

: VERGILIO CORREIA :

:: NO OUTONO ::



MACIO cái o sol pelos montados

E ha laivos de tristeza no olivedo;

Vem da serra o balir dos mansos gados

E as folhas tombam mortas do arvoredos.

As aguas rompem turvas do rochedo

E os campos vão em luto amortalhados;

Espalha o sementeiro os grãos do cêdo,

Sóbe mais alto o fumo dos eirados.

Ha rocas a fiar a cada porta.

São as tardes d'um triste sem igual

E a vida toma enfim uns tons de morta.

Vão as seivas dormir como crianças

E no vento a gemer de vale em vale

Despedem-se de mim as esperanças.

: JOAQUIM DE ALMEIDA :

:: Vida incerta ::

HA hoje uma nevoa a envolver o sol poente. E a luz vem assim como através de uma mortalha.

Luz outonal espargindo dôr sobre os longes das paisagens, cahe sobre os leitos dos doentes e aos olhos queridos e ás mãos beijadas leva soluços de despedida.

A Tarde é um adeus enorme.

As arvores no horizonte ficaram desgrenhadas de dôr da confiança amarga do sol-posto.

Sobre os campos vae morrendo a côr, envolta em nevoa como num lençol mortuario. Hora em que a dôr anda fluidisada no ar que se respira e o crepusculo parece-nos senti-lo todo a correr no sangue como a um excitante venenoso. Mãos de penumbra riscam nos ares máximas de vida que são sentenças de morte.

E eu adivinho toda a tortura e toda a ancia de que é feita a alma do crepusculo.

Ha vomitos de sangue sobre roupas brancas de doença que o misticismo sadico d'esta luz gosta de vêr, enterros cujos caixões passam pelos caminhos como azas negras de morte, mulheres de luto, creanças chorando, os pés em chaga, aflições nervosas dos artistas, a ancia do não ser e ancia de ser tudo, imaginações fazendo a orgia dos impossiveis, nostalgias, dôres, doenças, luto, todo o cortejo das maguas sem remedio.

Perdido no rumôr da cidade o *Angelus* mal se ouve, como o gemido d'alguma coisa antiga que vae morrer. Os nêrvos começam de se collar ás coisas. Reconcavos de montes, tumultuares bizarros do arvorêdo esboçam traços de monstros caricaturados. E' uma exposição gigantea d'artistas enlouquecidos.

Os corpos entram de sentir-se em febre. E' a hora em que o conforto espreita da casaria como um monoculo sarcastico olhando os monges da miseria, pobres Nantas sem força e sem triumpho de labios pustulentos, olhos febris, as mãos mal escondidas nas alfurjas das quinzenas esmoladas buscando a sombra cúmplice dos bêcos ou descendo até ás brizas tristissimas dos caes.

E os caes surgem a essa hora como atrios de sepulchros.

E' que todos, mais agora mais logo, todos descem até ao caes.

Porque? Porque os affasta da Vida, porque os aproxima da Morte? Sei lá! Ou talvez porque as aguas os levam a terras bem longe d'aquellas em que soffrem, onde as suas imaginações excitadas suppõem as mulheres menos caras e os homens menos pulhás.

Cahindo, a sombra ergue as mãos aos pobresitos, ha soluços em baba pelos portaes, silencios uivados de pavôr, a noite, ella ahi vem sorvendo o sangue a quem lhe bebe o fluido, princeza de raça banqueteadando-se em manjares de corpos e es-

:: Vida incerta ::

pojando-se para a banda de lá da vida numa ancia de goso onde se bebe só sangue de raça e sangue de genio.

As coisas tomam uns laivos de angustia, por todos os rostos ha vincos de tedio, vislumbres de raiva

nas vozes dos pedintes, ingenuas dolencias d'esta hora e a imaginação delira em recortes de lar e de conforto e desejos de boccas a beijar...

.....
Pobres palhaços da fome que não teem moral só porque não teem camisa, eu adivinho-os bem, vendo-os passar o orgulho cuspidos pelas ruas, sós, deitando o olho guloso pelas frestas dos reposteiros, a espreitar o li-

nho santo da mesa e as terrinas a fumar, e todo o ruido domestico da abastança dão vertigens de morte aos pobres diabos que se julgam genios só porque andam rôtos e só teem revoltas porque teem fome.

A noite cahe!... E na pacatez

provinciana que já começa, saio da cidade enojado como d'um carcere e num deboche de imaginação creio-me um sêr orgiaco dos espaços indo ao cimo dos montes prégar ás trevas e pedindo ao vento a sua harmonia

livida entoar com ella os psalmos do Odio e fazer do Mundo uma cathedral imensa onde só me ouvissem as aguas e os montes pontificando sobre a biblia do Egoismo.

E' noite.

Da cidade, vem um resfolegar cançado d'estupôr.

Inquieto, atrevo-me até lá. O mesmo tédio sempre.

Focinhos absurdamente barrados, trazem á rua o gesto medido

pelos figurinos d'operêta, as pobres grilhetas da virgindade, mal me sensibilisa vê-las embalando o vulto ao passinho que a orla da saia compassa, relevando-lhe as linhas que da cintura descem em curvas de jarra bordalesca.

:: IDILIO INTELECTUAL ::



ELLA: COMO MEVS AVÓS SE SENTIRIAM BEM, CHEIRANDO ESTAS FLORES... SR. PEREIRA.
ELLE: COMO EV ME SENTIRIA BEM VENDO-A FELIZ Á SOMBRA DESTA PEREIRA...

DESENHO DE: SILVÍO DVARTE

:: Vida incerta ::

E este ar da noite é um bom conductor de desejos. Ha transmissões mentaes de caprichos lubricos, tristezas sensuaes cosidas ás esquinas, d'olhos videntes fixando os rithmos das ancas, uma tal diaphaneidade de fórmãs e um tal mercantilismo de corpos que o onanismo sugere á maioria moça, como refugio lascivo onde é fatal transformar-se toda em uma récuã flacida d'imbecis.

A Castidade Christã! . . . A porção de sangue sacrista que mais ou menos em nossas veias corre ainda, intimida os nervos femininos na exhibição franca do seu temperamento. Mesmo esposa, sempre idiotamente tímida, tem horrór á esthetica do nú, não sabendo ler em corpos bellos todo um poema romano, o que de resto mal admira, porque nós todos, por seculos vedados á voluptia do banho, só agora vamos conseguindo, mais ou menos catholicamente contrafeitos, a nacionalisação d'uma hygiene que já vae até ao semicupio.



E continua banalissimo e inalteravel o aspecto da cidade a esta hora.

Ruidos compassados de carruagens, e a multidão — essa negra serpente do Tédio — que, apesar de observada numa cidade de provincia, já tem continuidades que nos recolhe e emudece numa concentra-

ção dorida, e ao longe, aos espaços, os electricos passam na sombra um traço de luz e as campainhas de alarme soam pela noite como notas de civilisações, longiquamente, a evocar.

Noite velha. Sobre a cidade cahiu agora um nevoeiro que nos toca o rosto como um veu humido.

Os predios sem luz, impenetra-veis, silenciosos como jazigos, exa-geram mais as fugas do alinhamento, amolgam-se em vincos d'ebano, aconchegam-se e amontoam-se como monstros engalfinhados e a iluminação das lanternetas publicas, chapando de manchas lividas as frontarias, de tudo em roda vae recor-tando silhuetas: arvores fundindo o caule ao escuro, deixam no ar a folhagem amarellecida do outono, a estremecer no ar, como borlas cremes suspensas do ceu da noite, as figuras ornamentaes de sobre as cimalthas recortam-se como esboço em nevoa num fundo nêgro . . .

Por instantes: uma rajada de vento trouxe uma batega d'agua que cahe num ruido de cantaros em despejo. Passou. Já se ouvem só as beiras soando nos *trottoirs* como estalidos de boccas.

Madrugada. Os meus passos acordam ecos d'outros tempos.

Recomeça a ventania e a chuva, mais forte do que nunca: enxota-me numa batega onde parece haver um odio policial á minha vadiagem . . .

: ARTHVR RIBEIRO LOPES :

: Allegoria da tarde :

I



ECOLHE o dia aos campos e á cidade

A tarde: E num crespúsculo de beijos,
— Que o sol alança a boca aos meus desejos,
As horas vam morrendo com saudade.

E o dia lembra, que é chegado ao fim,
Ao pintor das Penumbras a que venha.
E como deixa os altos da Montanha
O sol á tarde afasta-se de mim.

Vae longe a taça de oiro e pedrarias
Das voluptuosas, bêbadas manhans,
Do grande sol heroico dos bons-dias.

E ao recaír das horas, pelo outono,
As coisas choram lágrimas cristans
Sobre as cinzas da Tarde ao abandono.

II



céo baço ennevôa-se de alfombras:
E o pintor das Penumbras, já sem tintas,
Larga a chamar o mágico das sombras...
E o gram pintor das coisas mortas, pinta-as.

«Vem com os tons de nuvem para Leste,
Por onde o sol viu o dia mais contente»
Diz-lhe o das tintas vagas! — Tarde agreste...
Vam cheias de oiro as portas do Poente.

«Detem o braço dos Herois, o músculo
Da raiva das enxadas que eu contemplo;
Dá-lhe o teu oiro ó névoa do crepusculo!»

«Vês as sombras da Tarde? Anda acendê-las
A' luz da minha sombra... Olha o meu Templo
E' um negro céo com lampadas de estrelas.»

III



À do sol-posto o dia se embriaga:
E olhos fitos nos céos e as mãos erguidas,
Os choupos implorando a Tarde vaga
Lembram spetros de misticos suicidas.

E ao crepúsculo, assim, todo indeciso,
Eu creio piamente, ó céu profundo,
Que é o dia transcendente do Juizo
E os choupos que sam almas do outro-mundo.

Cálam as coisas seu perfil aerio:
E ajoelham-se os montes-olivedos
A resarem na sombra o seu misterio.

A Tarde morre: — E com seu ar contristo
Os choupos lembram, lívidos e quêdos,
Ao pôr-do-sol, macerações de Cristo.

: AFFONSO DVARTE :

::: VÁRIA :::

MANUEL LARANJEIRA

(Morre ás 23 horas do dia 23 do mês de Fevereiro na sua casa em Espinho).

A *Rajada* que acaba de perder em Manuel Laranjeira um dos seus mais queridos colaboradores a quem deve palavras amigas, cheias de incitamento, junto com a poesia *A uma romantica* que o imprevisto retardamento da revista faz sair a lume após o seu livro *Commigo*, publicado ha dias, largamente devêra falar do saudôso poeta se a hora acanhada a que escrevêmos, com o numero quase todo impresso, nos deixasse dispôr de tempo e espaço.

Assim forçados a estas humildes linhas de comovida saudade, no prôssimo numero dedicarêmos as paginas merecidas á memoria e á obra do estranho poeta cuja vida, — em dizêres seus, — foi toda cheia de *sopros glaciais de descrença* no seu muito desejo de Verdade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Liz e Lêna. — Versos de MARQUES DA CRUZ, edição da casa F. França Amado, Coimbra.

A Tentação do Mar. — Versos de AUGUSTO CASIMIRO.

Canções e Fados. — Grande rapsódia para piano, e **Noites de Amor**, balada, por COSTA PINHEIRO.

Lisbôa Preistorica e A Igreja de Lourosa da Serra da Estrella. — Notas de Arqueologia pelo DR. VERGILIO CORREIA.

No proximo numero far-se-ham referencias a algumas destas publicações.

INQUERITO SOBRE OS TRAGES ACADEMICOS

::: Aos artistas e homens de letras portuguezas. :::

DIVERGEM as opiniões sobre a extinção da capa e batina. Uns querem-na como uma nota indispensavel ao scenario de lenda e d'amôres que é toda a paysagem de Coimbra. Outros chamam-lhe o *negregado balandrau* uma das raras coisas feias que ha em Coimbra, como disse João Chagas.

Como quer que seja a *Rajada* vae inserir no seu 2.º numero as opiniões que, em face da esthetica, iram aniquilar ou redimir o *balandrau*.

Consultar-se-hão os nossos mais illustres artistas e homens de letras.



Segundo o processo de Faro

Preparado por
F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o **Depurativo ASSIS** o que mais radicalmente cura as doenças syphiliticas em todas as suas manifestações. Opera com resultado extraordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharmaceutico que mais auxilia o funcionamento de todo o organismo, combatendo efficazmente o virus syphilitico. — Os seus effectos, não são modernos, pois bastantes individuos devem a vida a este maravilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias nocivas para qualquer orgão, e é um tonico poderoso, excitando o appetite, augmentando o numero de Globulos vermelhos do sangue, assim como o pezo dos doentes. N'esta preparado entra como grande auxiliar um producto chimico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inorganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix mais, do meio dia á uma hora.

Cada frasco, 1\$000 réis

DEPOSITO GERAL
DROGARIA FALCÃO
42, R. Nova do Rimada, 44 • LISBOA

VAGO



CARTAZES
VITRAES
CAPAS DE
LIVROS
PASTAS
EX-LIBRIS
PIRO-GR
VURA
VEIS ETC.



CENTRO DE PUBLI
CAOES E
AGENCIA DE NE
GOCIOS UNIVER
SITARIO

COIMBRA:
RUA - LANTERNA DO REI

COIMBRA — L. da Feira, 16